

Resenha de “The Monkey’s Pawn”, de W. W. Jacobs
Isabelle Rodrigues¹

O TERROR SUGERIDO

A *Pata do Macaco* nos apresenta a família White na noite em que recebem a visita do sargento Morris, que havia trazido da Índia um misterioso objeto, supostamente mágico. Tal objeto era uma pata de macaco dissecada que, segundo Morris, havia sido encantada por um faquir que “queria provar que o destino regia a vida das pessoas, e que aqueles que interferissem nele seriam castigados.”

Todos nós já ouvimos falar de objetos mágicos oriundos de lugares distantes, sendo o exemplo mais clássico a história de Aladim e a lâmpada maravilhosa. Assim como o gênio da lâmpada de Aladim, a pata do macaco teria o poder de realizar três desejos. A diferença é que o poder da pata tem duração limitada, pois só poderia realizar os desejos de três homens diferentes. Como já havia sido usada pelo faquir e por Morris, faltavam apenas os três desejos de uma última pessoa. Tal observação é digna de atenção, pois, ao mesmo tempo em que a pata é um objeto mágico, ela não parece tão mágica assim, já que só poderia realizar um total de nove desejos. Essa limitação de seu poder talvez a aproximasse mais da realidade e a tornasse mais crível do que se fosse dona de um poder ilimitado.

Independente do alcance do seu poder, a pata não parece ser uma benção. Morris conta que o terceiro pedido do faquir fora para morrer, sugerindo assim o desespero que os dois primeiros pedidos teriam lhe causado. O próprio sargento não parece muito feliz com a pata, pois afirma que ela havia causado muitas desgraças e, tomando uma súbita decisão, atira-a ao fogo na tentativa de destruí-la. As ações desses dois homens nos mostram seu desencanto com a pata, pois apesar de terem seus desejos realizados, não ficaram nem um pouco felizes com o resultado. Logicamente a explicação de tal desilusão está na intenção do faquir, que encantara a pata justamente para castigar quem ousasse interferir no destino.

O conto nos relata então como o Sr. White impediu que a pata fosse destruída e a tomou para si. Apesar da família White não acreditar inteiramente na magia da pata, estavam dispostos a tentar utilizá-la. Tal incredulidade talvez possa ilustrar porque não deram atenção aos conselhos de Morris, que os alertou contra as consequências. Mesmo sem inteiramente acreditar que seu pedido se realizaria, o Sr. White pediu a quantia de 200 libras à pata.

¹Graduanda do Curso de Letras da UERJ e membro do Grupo de Pesquisa “O medo como prazer estético”, sob a orientação do Prof. Dr. Julio França (UERJ).

A partir daí a história se apresenta de maneira ambígua. O filho dos White morre em serviço e um representante da firma lhes entrega a quantia de 200 libras como compensação. Na narrativa, o Sr. White comenta que “Morris disse que as coisas aconteciam com tanta naturalidade que a gente podia até achar que era coincidência”, abrindo assim espaço para especulações. Da mesma maneira que os personagens não têm certeza se a morte do filho foi coincidência ou não, o leitor também não tem como saber.

O casal sofre muito, e algumas noites depois, a Sra. White tem a súbita idéia de pedir à pata para trazer seu filho de volta. Sua crença no poder da pata já está consolidada, embora seu marido recuse a acreditar, como podemos notar no seguinte diálogo:

- Nós conseguimos satisfazer o primeiro pedido – disse a senhora, febrilmente. – Por que não o segundo?
- Foi uma coincidência – gaguejou o velho.
- Vá buscar a pata e faça o pedido – gritou a esposa, tremendo de excitação.”

A ambiguidade da narrativa faz com que a magia da pata nunca se mostre evidente, pois sempre pode haver uma explicação racional para os acontecimentos que seriam causados por ela: ao pedirem 200 libras, seu filho morre e eles recebem exatas 200 libras como compensação; ao pedir que seu filho volte, ouvem batidas à porta que poderiam ser do filho tentando entrar e, finalmente, ao fazer o último pedido (que não é declarado, mas logicamente deduzido) as batidas cessam, como se o filho imediatamente retornasse aos mortos. Apesar de parecer extremamente suspeito que tais eventos tenham sido apenas coincidências, é inteiramente possível que não passassem disso.

Em contraposição, o fato de que a pata havia sido encantada pelo faquir para castigar as pessoas que ousassem interferir no destino sustentaria que, se a pata era de fato mágica, teria agido de acordo com sua natureza, castigando os White com a morte de seu filho.

Mas, ao mesmo tempo, eles nunca chegam a saber se o filho realmente voltou dos mortos, pois as batidas que ouviam podiam ser oriundas de qualquer outra coisa: um rato passando, talvez algo na estrutura da própria casa (como o encanamento) ou até mesmo alguém à porta, mas não necessariamente seu filho.

W. W. Jacobs foi muito cuidadoso em jamais evidenciar a magia da pata, apenas sugeriu-la, criando assim uma ansiedade no leitor, que busca compreender o que se passa na história. No decorrer da narrativa, essa ansiedade pode até se transformar em angústia, pois o leitor não sabe o que vai acontecer: ele corre os olhos pelas palavras, da mesma forma que a Sra. White corre para abrir a porta, na agonia de saber o que, afinal, estaria lá.

Mas, se de fato havia algo junto à porta, ninguém jamais terá certeza do que era. Jacobs soube manter a hesitação do leitor até o fim, sem justificar, em momento nenhum, o ocorrido como algo racional (uma coincidência qualquer) ou sobrenatural (se de fato era o filho dos White). Sob a perspectiva do conceito de fantástico de Tzvetan Todorov, *A Pata do Macaco* se consagraria então como uma obra fantástica por excelência, ao deixar tantos os personagens como o leitor em perfeita hesitação, sem provas suficientes para escolher entre uma ou outra resposta.